

NOTA PRÉVIA À PRESENTE EDIÇÃO

Paulo Quintela foi um tradutor compulsivo. Não apenas porque via na tradução uma parte insubstituível do ensino de literaturas estrangeiras — no caso, as de expressão inglesa e alemã —, a que se dedicou durante quase cinco décadas, mas também porque a tradução representava para ele, enquanto processo de apropriação criativa, um componente basilar da afirmação de uma atitude cultural cosmopolita. A relação de consubstancial intimidade com a língua alemã, aquela de onde privilegiadamente traduziu, sem prejuízo de incursões episódicas no espaço de língua inglesa, impunha-lhe o desejo de tradução como extensão quase natural de uma relação poética com a língua.

É necessário ter presente que Paulo Quintela se formou como filólogo, na Alemanha dos anos 20, numa escola para a qual a essência do acto crítico consistia num processo de transposição imaginativa capaz de viver de novo toda a escala das emoções plasmadas na obra poética e de, a partir da imersão plena no universo de virtualidades infinitas do poema, viver também uma forma de identificação profunda com um autor concebido como figura em absoluto singular. Por isso, em última análise, a melhor tradução seria, como se lê no texto de uma conferência sua de 1959, intitulada simplesmente «Traduzir», a que desperta «o desejo de reler e gozar de novo o poema no original», isto é, aquela que manifesta, na sua radical imperfeição, a presença latente da plenitude da forma

original (coerentemente, sempre que possível, as suas traduções eram apresentadas em edições bilingues). Assim, quando, repetidamente, o tradutor alude à imposição interior que diz estar na origem compulsiva do acto de traduzir, está a dar testemunho daquela identificação profunda a que me referi e que, no tocante aos grandes autores do seu panteão literário, reveste mesmo formas de autêntica devoção, informada por um *pathos* sem dúvida difícil ou mesmo impossível de partilhar à mesma escala por gerações posteriores.

No caso de Johann Wolfgang Goethe, essa devoção é plenamente manifesta. Aos olhos do professor e tradutor, o gigante de Weimar constituía, indubitavelmente, o expoente máximo da grande tradição humanista europeia com que tão profundamente se identificava e de que fazia também a medida do seu posicionamento ético e cívico. Não surpreende, assim, que a primeira publicação, em 1949, da sua selecção de poemas de Goethe — nesse mesmo ano publicaria também a sua versão do fragmento dramático de juventude, *Prometeu* — tivesse por ensejo imediato a comemoração dos duzentos anos do nascimento do escritor, porventura, aos olhos do tradutor, o «último europeu», como pode ler-se no prefácio à primeira edição. À época, como com justeza se reivindica neste mesmo prefácio, o volume constituía a mais abrangente apresentação em português das facetas mais representativas da obra de Goethe, a primeira possibilidade para o leitor português de vislumbrar uma «imagem global» do poeta, não sendo exagero, assim, atribuir-lhe um alcance verdadeiramente epocal. O extenso aparato de notas e comentários, além do evidente propósito didáctico, cumpre nitidamente o objectivo de facilitar a abordagem de uma obra até à altura só muito escassa e fragmentariamente conhecida no espaço de língua portuguesa.

No seio da dialéctica clássica entre «domesticação» e «estranhamento» introduzida nas reflexões sobre a tradução por Friedrich Schleiermacher, a opção de Quintela ia, decididamente, para o segundo termo, mesmo se o escrúpulo filológico e o desígnio de

fazer a máxima justiça possível ao original o faziam correr o risco de rejeição por parte de quem, como foi notoriamente o caso de Jorge de Sena, talvez o seu crítico mais feroz, preferia uma abordagem diferente. Não cabe nesta breve nota revisitare e aprofundar esta discussão. Como qualquer outro texto, também as traduções são sempre contingentes e datadas, sofrendo o desgaste do tempo, e as de Paulo Quintela não são excepção. A verdade é que estas traduções são, há já bastantes decénios, parte de pleno direito do património literário da nossa língua. As grandes traduções podem ser desafiadas por outras propostas, assentes em soluções de leitura divergentes e marcadas pelas inevitáveis dinâmicas geracionais, e é desejável e imprescindível que o sejam, mas não são «superadas» num sentido superficial da palavra, e é isso que justifica reedições como a presente.

A selecção dos *Poemas* de Goethe, na tradução de Paulo Quintela, veio a lume, como referido, em 1949, «por ordem da Universidade», na colecção *Acta Universitatis Conimbrigensis*. Uma segunda edição, «corrigida e ampliada», foi publicada, em 1958, na mesma colecção. Esta edição conheceria duas reedições pela editora Centelha, de Coimbra, em 1979 e 1986. Os Poemas seriam ainda incluídos no segundo volume (*Traduções I*) das *Obras Completas* de Paulo Quintela, publicado em 1997 pela Fundação Calouste Gulbenkian. No quarto volume (*Traduções III*), saído em 1999, incluíram-se as poucas traduções inéditas encontradas no espólio do tradutor e que se publicam igualmente na presente reedição, a qual, contudo, omite os apêndices bibliográficos, dada a sua manifesta desactualização.

ANTÓNIO SOUSA RIBEIRO

AOS MEUS FILHOS

Erfreut euch der lebendig-reichen Schöne!

Goethe, FAUST, 345.

Coimbra, 1949.

P. Q.

NOTA PRÉVIA À 1.^a EDIÇÃO

Além da circunstância que determina o seu aparecimento agora — celebrar o segundo centenário do nascimento de Goethe, com dignidade que simultaneamente possa honrar a alta memória a que vai endereçada e não venha apoucar quem presta a homenagem —, este livro quer ser uma antologia que, por primeira vez, dê nos países de fala portuguesa a imagem global do Poeta. Supomos ser esta a única maneira realmente proveitosa de começar a solicitar a atenção da nossa gente para esta figura de Europeu, talvez a última — pela universal complexidade, largueza e fundura da sua compleição — que o nosso velho Continente pôde modelar com o melhor do seu espírito.

Não serão as escassas versões existentes, há muito esgotadas ou desde o início dispersas e inacessíveis, conhecidas só de meia dúzia de profissionais e de curiosos de raridades, e além disso, na grandíssima maioria dos casos, pouco representativas do valor do Poeta e, tecnicamente, como tais, deficientes, quando não totalmente inaceitáveis, que poderão sequer encaminhar para esse objectivo. Feito o inventário das versões portuguesas de Goethe de que há notícia, mesmo especificando isoladamente cada pequenino poema, a custo conseguimos chegar ao número de três algarismos. Acresce que, sem atender até ao seu duvidoso carácter representativo, elas reflectem os variados temperamentos dos muitos que as vazaram na nossa língua. A unidade poética ficaria de todo ausente, mesmo se elas valessem as honras de uma recolha.

Isto pelo que aos poemas se refere. Quanto ao resto!... — Sejamos francos e encaremos corajosamente, no sério propósito de remediá-lo dentro das nossas possibilidades, este desprimor nacional: — Não há hoje, em Portugal, uma tradução acessível do Fausto! A cultura portuguesa, neste essencialíssimo ponto, continua a viver da lembrança vaga de uma polémica célebre e barulhenta, provocada por uma tentativa infeliz. E o pior é que isto acontece por inexplicável incúria nossa, porquanto existe na nossa língua uma versão que, a despeito das suas deficiências, ainda sem receio se pode sujeitar a confronto com as melhores de lá de fora. Refiro-me, claro está, à tradução completa da tragédia feita por Agostinho d'Ornellas, cuja reedição, apoiada em elementos novos de que felizmente podemos dispor, em breve empreenderemos nesta série de publicações, por gentil e generosa concessão da família do ilustre diplomata.

*

Do critério que seguimos na organização desta colectânea damos conta circunstanciada ao longo das notas. Reconhecemos sem custo certa largueza desproporcionada de algumas das suas secções, a que talvez tenhamos sido levados por nelas se tratar de aspectos do Poeta totalmente desconhecidos entre nós. Por outro lado — e com isto me sangro em saúde, adiantando-me à censura que inevitavelmente me virá da parte dos conhecedores —, há nesta antologia uma falha grave: — a de uma boa representação das baladas de Goethe. Duas apenas estão incluídas, e só uma é bem característica do género — O Rei de Thule. Explicação? — Se é necessária, aí vai: — Simplesmente a consideração, que as tentativas existentes, em português e em outras línguas, confirmam, de serem insuperáveis as dificuldades de transposição. Com humildade o confessamos, e esperamos que os entendidos nos compreendam e nos perdoem. Ninguém, mais do que eu, lamenta a ausência de maravilhas como Der Sänger, Erbkönig, Der Zauberlehrling, Die Braut von Korinth, Der Gott und die

Bajadere... *Podia ao menos tentar, mas nem a isso me atrevi, por não me sentir capaz de lhes conservar o ritmo e a musicalidade que lhes são essenciais.*

*

Quanto à técnica — ou técnicas... — das presentes versões, difícil é cristalizá-la em regras e princípios rígidos. Alguma coisa a este respeito encontrará nas notas o leitor paciente.

Tenho presentes duas opiniões de Goethe sobre traduções e tradutores. A primeira, de Maximen und Reflexionen, n.º 299, que não reproduzo — poderá o curioso buscá-la no lugar citado —, não a aceito. A segunda... gostaria de merecê-la, na calma resignação que me dá a certeza das minhas fraquezas. É da célebre carta a Carlyle de 20 de Julho de 1827, e diz assim:

Wer die deutsche Sprache versteht und studiert, befindet sich auf dem Marke, wo alle Nationen ihre Waren anbieten, er spielt den Dolmetscher, indem er sich selbst bereichert.

Und so ist jeder Übersetzer anzusehen, dass er sich als Vermittler dieses allgemein geistigen Handels bemüht und den Wechseltausch zu befördern sich zum Geschäft macht. Denn was man auch von der Unzulänglichkeit des Übersetzens sagen mag, so ist und bleibt es doch eins der wichtigsten und würdigsten Geschäfte in dem allgemeinen Weltwesen.

Der Koran sagt: «Gott hat jedem Volke einen Propheten gegeben in seiner eignen Sprache.» So ist jeder Übersetzer ein Prophet seinem Volke.⁽¹⁾

⁽¹⁾ «Quem compreende e estuda a língua alemã, encontra-se na feira em que todas as nações oferecem os seus produtos: faz de intérprete, ao mesmo tempo que se enriquece. — E assim é que se deve encarar o tradutor; como medianeiro neste trato universal do espírito, fazendo do fomento da permuta a sua ocupação. Pois diga-se o que se disser da insuficiência da arte de traduzir,

*

Devo graças à Comissão Directiva dos Acta Universitatis Conimbricensis pela solícitude com que aceitou a ideia desta publicação. A ela, em primeiro lugar, se agradeça que Portugal e a Universidade de Coimbra se não tenham ausentado das celebrações centenárias de Goethe.

Aos meus amigos Doutor A. E. Beau e Doutor W. Kayser confesso publicamente o aumento da minha gratidão pela ajuda que mais uma vez me deram.

Coimbra, 1949.

PAULO QUINTELA

ela é e continuará a ser um dos officios mais importantes e mais dignos da vida universal. — Diz o Alcorão: “Deus deu a cada povo um profeta na sua própria língua.” O tradutor é assim um profeta para o seu povo.»

NOTA PRÉVIA À 2.^a EDIÇÃO

O favor do público, que nos desvanece, torna necessária a reedição deste livro. — Nascido para celebrar em Portugal o 2.º Centenário do nascimento de Goethe, supomos dever manter-lhe no fundamental as características primitivas. Não tentámos, sequer, a actualização bibliográfica no aparato de notas e comentários, pois ela implicaria necessariamente a sua total remodelação, se fôssemos a levar em conta as centenas de publicações valiosas que a festa suscitou, na Alemanha e fora dela, desde as novas edições das Obras até às grandes análises e revisões críticas. Só excepcionalmente mencionaremos, portanto, uma ou outra espécie recente de particular importância pela novidade da matéria ou pela originalidade do ponto de vista.

Algumas versões novas, que vão devidamente assinaladas na Tábua, foram agora acrescentadas. As velhas foram todas revistas e limpas de erros de interpretação ou de defeitos de forma. — O apêndice bibliográfico, embora ainda — sabemos-lo bem — muito longe de completo, foi, no entanto, acrescido de algumas dezenas de números.

Levámos, entretanto, a efeito, nesta mesma série, a publicação da tradução do Fausto de Agostinho d'Ornellas, em 1953, que já está quase esgotada. Se a Comissão Directiva dos Acta Universitatis Conimbrigensis o julgar conveniente, em breve publicaremos nova edição.

Coimbra, Dezembro de 1957.

P. Q.

NOTA PRÉVIA À 3.^a EDIÇÃO

«Por ordem da Universidade» foram impressas, para os Acta Universitatis Conimbrigensis, as anteriores edições desta antologia bilingue de Poemas de Goethe.

Passados 30 anos sobre o 2.º centenário do nascimento do Poeta que então se quis celebrar, deixei-me agora persuadir por alguns bons Amigos da necessidade da presente reimpressão.

Aparece sem qualquer alteração substancial, pois não o são o expurgo de algumas gralhas teimosas nem a referenciação, em raros casos, do aparato das notas às edições precedentes. Nem mesmo o apêndice bibliográfico e seu suplemento foram sujeitos a qualquer tentativa de actualização, o que talvez devesse ter sido feito...

Em vez da gravura que representa, nas outras tiragens, o Poeta aos trinta anos, vem agora um belíssimo retrato do Sábio da velhice olímpica.

Aqui entrego o livro à sua sorte. Que ela não desmereça daquela de que as anteriores edições fruíram.

Coimbra, 2 de Abril de 1979.

P. Q.

ÍNDICE

[Os números entre parênteses indicam o lugar das Notas e Comentários aos respectivos poemas ou grupos de poemas.]

Nota prévia à presente edição	
<i>por António Sousa Ribeiro</i>	7
<i>Dedicatória</i>	11
Nota Prévia à 1. ^a edição	13
Nota Prévia à 2. ^a edição	17
Nota Prévia à 3. ^a edição	19

GOETHE * POEMAS

<i>An die Günstigen</i>	23
Aos Leitores Amigos	23 (259)
I. RITMOS LIVRES, ODES, HINOS	25 (259)
<i>Wanderers Sturmlied</i>	26
Canção do Viandante sob a Tempestade	27 (264)
<i>Mahomets Gesang</i>	36
Cântico de Maomé	37 (269)

<i>Prometheus</i>	42
Prometeu	43 (273)
<i>Ganymed</i>	48
Ganimedes	49 (274)
<i>An Schwager Kronos</i>	52
A Cronos Auriga	53 (277)
<i>Gesang der Geister über den Wassern</i>	56
Canto dos Espíritos sobre as Águas	57 (280)
<i>Meine Göttin</i>	60
A minha Deusa	61 (282)
<i>Grenzen der Menschheit</i>	66
Limites da Humanidade	67 (283)
<i>Das Göttliche</i>	70
O Divino	71 (284)
<i>Das Lied der Parzen</i>	76
A Canção das Parcas	77 (286)
II. CANÇÕES	81 (287)
<i>Willkommen und Abschied</i>	82
Boas-Vindas e Despedida	83 (290)
<i>Heidenröslein</i>	84
Rosinha do Silvado	85 (292)
<i>Gefunden</i>	86
Achado	87 (295)
<i>Gleich und Gleich</i>	88
Igual com Igual	89 (296)
<i>Mailied</i>	88
Canção de Maio	89 (296)
<i>Glücklich allein</i>	92
Feliz só será	93 (297)
<i>Auf dem See</i>	94
No Lago	95 (298)

ÍNDICE

<i>Mut</i>	96
Ânimo	97 (300)
<i>Der Becher</i>	96
A Taça	97 (301)
<i>Nachtgedanken</i>	98
Pensamentos Nocturnos	99 (303)
<i>An den Mond</i>	100
À Lua	101 (304)
<i>Wonne der Wehmut</i>	102
Deleite na Tristeza	103 (313)
<i>Wanderers Nachtlid</i>	102
Canção Nocturna do Peregrino	103 (313)
<i>Ein gleiches</i>	104
Outra	105 (314)
<i>Eigentum</i>	104
Propriedade	105 (316)
<i>Alles geben die Götter</i>	106
Tudo os Deuses dão	107 (316)
<i>Meeresstille</i>	106
Calmaria	107 (317)
<i>Glückliche Fahrt</i>	106
Feliz Viagem	107 (317)
<i>Elfenlied</i>	108
Canção dos Elfos	109 (318)
<i>Menschengefühl</i>	108
Sentimento Humano	109 (318)
<i>An seine Spröde</i>	110
À Amada Esquiva	111 (318)
<i>Symbolum</i>	110
Símbolo	111 (319)
<i>Dem aufgehenden Vollmonde</i>	112
À Lua cheia a nascer	113 (320)

III. DO «WILHELM MEISTER»	117 (321)
<i>Mignon (Heiss mich nicht reden...)</i>	118
Mignon (Não me mandes falar...)	119 (321)
<i>Mignon (Nur wer die Sehnsucht kennt...)</i>	118
Mignon (Só quem conhece a Nostalgia...)	119 (322)
<i>Lied des Harfners (Wer nie sein Brot...)</i>	120
Canção do Harpista (Quem nunca comeu...)	121 (322)
<i>Mignon (Kennst du das Land...)</i>	122
Mignon (Conheces o País...)	123 (323)
IV. DO «FAUSTO»	125 (325)
<i>Der König in Thule</i>	126
O Rei de Thule	127 (326)
<i>Mater Dolorosa</i>	128
Mater Dolorosa	129 (327)
<i>Mater Gloriosa</i>	132
Mater Gloriosa	133 (328)
<i>Lied des Lynkeus</i>	132
Canção de Linceu	133 (328)
V. DE «ELEGIAS ROMANAS»	135 (329)
Elegia I	137
Elegia II	139 (332)
Elegia III	141 (334)
Elegia V	141 (335)
Elegia VII	143 (335)
Elegia IX	145
Elegia X	147 (336)
Elegia XI	147 (336)
Elegia XVI	149

ÍNDICE

VI. EPIGRAMAS, VENEZA, 1790	151 (336)
1. <i>Sarkophagen und Urnen</i>	152
Sarcófagos e Urnas	153 (340)
8. <i>Diese Gondel</i>	154
Comparo esta Gôndola	155
14. <i>Diesem Amboss</i>	154
A esta bigorna	155
17. <i>Not lehrt beten</i>	154
Miséria ensina a rezar	155
28. <i>Welch ein Mädchen</i>	154
Que amada	155
29. <i>Vieles hab ich versucht</i>	156
Tentei muitas coisas	157 (341)
34. <i>Oft erklärtet ihr euch</i>	156
A miúdo vos dissestes	157
35. <i>Eines Menschen Leben</i>	158
A vida de um homem	159 (342)
48. « <i>Böcke, zur Linken mit Euch!</i> »	158
«Bodes, para a esquerda!»	159 (343)
54. <i>Tolle Zeiten</i>	160
Loucos tempos	161
57. <i>Jene Menschen sind toll</i>	160
Aqueles homens são loucos	161
59. « <i>Seid doch nicht so frech...</i> »	160
«Que descarados...»	161
65. <i>Ist denn so gross</i>	160
É pois tão grande	161
71. <i>Heilige Leute</i>	162
Diz-se que os santos	163
74. <i>Frech wohl bin ich geworden</i>	162
Fiz-me atrevido	163
76. <i>Was mit mir das Schicksal gewollt?</i>	162
Que quis fazer o Fado de mim?	163 (343)

79. « <i>Alles erklärt sich wohl</i> »	162
« <i>Tudo se explica bem</i> »	163
90. <i>Welch ein lustiges Spiel.</i>	164
<i>Que jogo engraçado</i>	165 (343)

SUPLEMENTO AOS «EPIGRAMAS»:

4. <i>Warum willst du den Christen...»</i>	164
« <i>Porque queres roubar...»</i>	165
8. <i>Dicht betriegt der Staatsmann.</i>	164
<i>Engana-te o homem de Estado</i>	165
13. « <i>Juden und Heiden hinaus!</i> »	166
« <i>Fora Judeus e Pagãos!</i> »	167
24. <i>Immer glaubt ich.</i>	166
<i>Sempre pensei</i>	167
26. <i>Wenn du schelten willst</i>	166
<i>Se queres censurar</i>	167
28. <i>Brachtet ihr jene Löwen</i>	168
<i>Trouxestes esses leões</i>	169
31. « <i>Hat dich Hymen geflohn?</i> »	168
« <i>Fugiu de ti Himeneu?</i> »	169
55. <i>Weit und schön ist die Welt</i>	168
<i>Grande e belo é o mundo</i>	169 (344)
VII. XÉNIAS MANSAS	171 (344)
« <i>Ein alter Mann ist stets ein König Lear!</i> »	172
« <i>Um velho é sempre um rei Lear!</i> »	173 (345)
« <i>Du hast dich dem allerverdriesslichsten Trieb...»</i>	172
« <i>Ao mais quezimento dos instintos...»</i>	173 (345)
<i>Wär nicht das Auge sonnenhaft.</i>	172
<i>Se os olhos não fossem sol</i>	173 (345)
<i>Man könnt erzogene Kinder gebären.</i>	172
<i>Podiam-se parir meninos educados</i>	173 (346)

ÍNDICE

<i>Vom Vater hab ich die Statur</i>	174
A estatura herdei-a de meu pai	175 (346)
<i>Ihr Gläubigen! rühmt nur nicht</i>	174
Ó Crentes! não gabeis	175 (349)
<i>Wer in der Weltgeschichte lebt</i>	174
Quem vive na história do mundo	175
<i>Ich habe nichts gegen die Frömmigkeit</i>	174
Nada tenho contra a piedade	175
<i>Wer Wissenschaft und Kunst besitzt</i>	176
Quem Ciência e Arte possui	177 (349)
<i>Ich kann mich nicht bereden lassen</i>	176
Não, não me queiram convencer	177 (350)
VIII. DO «DIVÃ OCIDENTAL-ORIENTAL»	179 (350)
<i>Zwanzig Jahre liess ich gehn</i>	180
Vinte anos deixei passar	181 (363)
<i>Hegire</i>	180
Hégira	181 (363)
<i>Im Atemholen sind</i>	184
Duas graças há	185 (364)
<i>Lied und Gebilde</i>	184
Canção e Forma	185 (364)
<i>Selige Sehnsucht</i>	184
Nostalgia de Bem-Aventura	185 (367)
<i>Sei das Wort</i>	186
Que a palavra seja	187 (371)
<i>Lesebuch</i>	186
Livro de Leitura	187 (371)
<i>Dschelâl-Eddîn Rumi spricht</i>	188
Dschelâl-Eddîn Rumi diz	189 (371)
<i>Suleika spricht</i>	188
Zuleica responde	189 (371)

<i>Herrlich ist der Orient</i>	190
Magnífico, o Oriente	191 (371)
<i>Ists möglich</i>	190
Que assim te afague.	191 (371)
<i>Gingo Biloba</i>	190
Gingo Biloba	191 (372)
<i>Suleika (Die Sonne kommt!)</i>	192
Zuleica (Lá vem o sol!)	193 (374)
<i>Suleika (Volk und Knecht...)</i>	192
Zuleica (Povo e servo...)	193 (374)
<i>Suleika (Nimmer will ich dich verlieren!)</i>	194
Zuleica (Nunca mais quero perder-te!)	195 (376)
<i>Bist du deiner Geliebten getrennt</i>	196
Se da amada estás ausente.	197 (377)
<i>An vollen Büschelzweigen</i>	196
Em ramos tufados, cheios	197 (377)
<i>Suleika (Ach, um deine feuchten Schwingen...)</i>	198
Zuleica (Ai, vento Oeste, que inveja...)	199 (378)
<i>Wiederfinden</i>	200
Reencontro	201 (381)
<i>Die Welt durchaus ist lieblich</i>	204
Que maravilha é ver	205 (383)
<i>Suleika (In tausend Formen...)</i>	204
Zuleica (Inda que em mil formas...)	205 (383)
<i>Sitz ich allein</i>	206
Se estou sozinho	207 (384)
<i>Jene garstige Vettel</i>	206
Aquela vil e lasciva	207 (385)
<i>Einlass</i>	208
Ingresso	209 (385)
<i>Nicht mehr auf Seidenblatt</i>	212
Sobre folha de seda	213 (389)

ÍNDICE

IX. PARÁBOLAS, SENTENÇAS, PROVÉRBIOS.	215 (389)
<i>Parabel (Gedichte sind gemalte Fensterscheiben!) . . .</i>	216
Parábola (Poemas são como vitrais pintados)	217 (389)
<i>Ein Gleichnis</i>	216
ComparaçãO.	217 (390)
<i>Und wenn mich am Tag die Ferne</i>	218
E quando de dia a lonjura.	219 (390)
<i>Beschildeter Arm</i>	218
Braço escudado	219 (390)
<i>Wie? Wam? und Wo?</i>	220
Como? Quando? e Onde?	221 (390)
<i>Willst du ins Unendliche schreiten</i>	220
Se queres caminhar pra o Infinito.	221
<i>Willst du dich am Ganzen erquicken</i>	220
Se no Todo te queres dessedentar	221
« <i>Was will die Nadel nach Norden gekehrt?</i> »	220
«Que quer a agulha sempre ao Norte voltada?»	221
<i>Magnetes Geheimnis</i>	220
Mistério do magnete	221
<i>Ein Kranz ist gar viel leichter binden</i>	220 (391)
Mais fácil é tecer uma coroa bela	221
<i>Du trägst sehr leicht</i>	220
Leve carga levas.	221
« <i>Hat man das Gute dir erwidert?</i> »	222
«O bem que fizeste, alguém to pagou?»	223
<i>Erkenne dich!</i>	222
Conhece-te a ti mesmo!.	223 (391)
X. ÚLTIMOS POEMAS DO AMOR, DE DEUS E DO MUNDO.	225 (392)
<i>Trilogie der Leidenschaft</i> :	226
Trilogia da Paixão:	227 (394)

<i>An Werther</i>	226
A Werther.....	227 (394)
<i>Elegie</i>	230
Elegia.....	231 (394)
<i>Aussöhnung</i>	240
Reconciliação.....	241 (398)
<i>Bei Betrachtung von Schillers Schädel</i>	242
Ao contemplar o crânio de Schiller.....	243 (410)
<i>Proömion</i>	244
Proémio.....	245 (411)
<i>Urworte. Orphisch</i>	246
Palavras-Mães. Poema órfico.....	247 (415)
<i>Vermächtnis</i>	250
Testamento.....	251 (421)

NOTAS E COMENTÁRIOS.....	255
--------------------------	-----

POEMAS OU FRAGMENTOS INCLUÍDOS NAS NOTAS

<i>Trunken müssen wir alle sein</i>	267
Ébrios todos nós temos de ser.....	267
<i>Mahomet (Teilen kann ich euch nicht...)</i>	270
Maomé (Não posso repartir...).	271
De <i>Iphigenie auf Tauris</i> , 4.º Acto:	
<i>Vor meinen Ohren tönt das alte Lied</i>	286
A meus ouvidos soa a canção velha.....	287
<i>An Lida</i> (A Lida).....	303
Da 13.ª <i>Elegia Romana</i>	330
<i>Elegia II</i> (1.ª versão).....	332
<i>Epigrama 3</i>	339
<i>Epigrama 34 b</i>	339
De <i>Hermann und Dorothea</i> (IX, 46 segs.).....	341

ÍNDICE

Memento mori! Há que farte	341 (nota)
<i>Die deutsche Sprache</i> (de Klopstock)	342
A Língua Alemã.	342
<i>Epigrama 48</i> (1. ^a versão)	343
<i>Gern wär ich Überlieferung los...</i> (frag.)	347
De bom grado me libertara da tradição	347
<i>Niemand soll ins Kloster geben</i>	349
Ninguém deve ir pra o convento	350
<i>Alles weg, was deinen Lauf stört!</i> (WÖD)	351
Fora, tudo o que te venha empecer!	352
<i>Vor die Augen meiner Lieben</i>	358
Aos olhos da minha amada	358
<i>Da du nun Suleika heissest.</i>	359
Já que és agora Zuleica	359
<i>Hast mir dies Buch geweckt.</i>	360
Este livro despertaste, tu mo deste	361
<i>War Hatem lange doch entfernt.</i>	360
Muito tempo por longe andou Hatem	361

APÊNDICE

TRADUÇÕES DISPERSAS.	425
<i>Holzbauer.</i>	426
Os lenhadores	427
<i>Sprache</i>	428
A língua	429
<i>Das Alter</i>	430
A velhice	431
<i>Aus den «Zahmen Xenien»</i>	432
Das «Xénias Mansas»	433

<i>Aus den «Venezianischen Epigrammen»</i>	434
Dos «Epigramas Venezianos»	435
<i>Katechisation</i>	436
Catequização	437
<i>Lasst fahren</i>	438
Deixai ir	439
<i>William</i>	440
William	441